



## VOZES E PRÁTICAS FEMININAS NO AUDIOVISUAL: MULHERES QUE FAZEM SABÃO CASEIRO <sup>1</sup>

Ceição Ferreira<sup>2</sup>  
José Eduardo Ribeiro Macedo<sup>3</sup>  
Lúcia Gonçalves de Freitas<sup>4</sup>  
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

**Resumo:** Este trabalho apresenta os processos de orientação de estudantes do curso de Cinema e Audiovisual para a realização do documentário *Mulheres que fazem sabão*. Com fundamentação teórica sobre documentário, feminismo e história, busca-se analisar a representação de narrativas e práticas femininas no documentário, por meio das quais emergem vozes e estratégias de resistência no cotidiano.

**Palavras-chave:** Documentário. Narrativas femininas. Sabão caseiro.

### Resumo expandido

Realizado por estudantes do curso de Cinema e Audiovisual sob orientação dos docentes Ceição Ferreira e José Eduardo Ribeiro Macedo, o documentário *Mulheres que fazem sabão* (2018, 11 min) foi resultado de uma parceria com o projeto de extensão *Saberes Jaraguenses: gênero e cultura* (coordenado pela Professora Lúcia Gonçalves de Freitas, da UEG Campus Jaraguá).

Encontros de orientação para estudo de cinema documentário (LINS; MESQUITA, 2008; CESAR, 2015; TOMAIM, 2009) e também referências audiovisuais, como o longa *O fim e o princípio* (Eduardo Coutinho, 2006), no qual este premiado diretor instiga a fala dos entrevistados, mas principalmente, se coloca no lugar da escuta. Foi exibido ainda um episódio da websérie *Empoderadas*, dirigido pela cineasta Carol Rodrigues (2016), na qual a historiadora e professora Luana Tolentino fala de sua história,

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à 8ª SAU 2019 - Semana do Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Goiânia - Laranjeiras.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: ceicaferreira.ueg@gmail.com

<sup>3</sup> Professor do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: jedumac.ueg@gmail.com

<sup>4</sup> Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), lotada no Campus de Jaraguá. E-mail: luciadefreitas@hotmail.com



vida e sua paixão pela docência. Planos mais longos, mais próximos do rosto das personagens são elementos em comum entre tais produções que apresentam representações de sujeitos sociais comumente invisibilizados na mídia: idosos/as de uma comunidade rural e mulheres negras, respectivamente.

Tais estudos foram importantes para a realização das entrevistas com Enoy, Domingas, Aparecida e Narcisa (Fig.1). Seleccionadas a partir dos critérios de proximidade e disponibilidade, essas mulheres estão na faixa etária da maturidade e velhice, de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade, mas que em comum sabem fazer sabão caseiro.



Figura 1 – As entrevistadas (Fonte: Documentário *Mulheres que fazem sabão*)

A partir dessa prática popular e predominantemente feminina, aprendida com mães e avós, as entrevistadas ensinam como fazer sabão caseiro; falam das dificuldades financeiras que viveram e nos oferecem vários significados desse fazer, desse conhecimento que se mantem. Fazer sabão é economia doméstica, é consciência ambiental, é autonomia feminina, é possibilidade de protagonismo, como ressalta Cida, que tem um canal no Youtube, no qual divulga receitas de bolo, de sabão.



Observando tais narrativas a partir das contribuições do feminismo para a análise da história, pode-se considerar em concordância com Rago (1998), que tal movimento possibilitou o reconhecimento da subjetividade como forma de conhecimento, que instiga novas formas de ver e interpretar o mundo, já que faz isso sob a perspectiva, a experiência das mulheres. Nesse sentido, Tomaim (2009, p.58) salienta a importância do documentário como chave de acesso às nossas memórias afetivas, visto que “[...] permite ao outro lembrar ou reler o seu passado, os seus traumas, as suas experiências. Em outras palavras, constituindo-se como um lugar afetivo da memória”.

Portanto, o documentário *Mulheres que fazem sabão* destaca a atuação de mulheres na manutenção de saberes e fazeres populares da produção de sabão caseiro, confirmando a importância de tais práticas culturais, que embora muitas vezes consideradas apenas como afazeres cotidianos, são *locus* de criação de estratégias de criatividade e resistência em vozes e narrativas femininas.

### Referências Bibliográficas:

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**: o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CESAR, Amaranta. O documentário como tomada de palavra: reflexões sobre a mise-en-scène da fala e os dispositivos documentais. In: MAIA, Guilherme; SERAFIM, José Francisco. **Ouvir o documentário**: vozes, música, ruídos. Salvador: EdUFBA, 2015, p.83-94.

RAGO, Margaret. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana M.; GROSSI, Miriam P. (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998. p. 21-42.

TOMAIM, Cassio dos Santos. O documentário como chave para a nossa memória afetiva. **Intercom**-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 32, n. 2, p. 53-69, 2009.

*Mulheres que fazem sabão*. Direção: Andréia Pires; Produção e Som: Iara Cristina; Fotografia: Luís Ricardo Gondim, Bruna Chamelet, Ana Carolina Lima e Gleicy Kelly Gomes; Montagem: Felipe F.